

ENSINO DA ESCRITA DE SINAIS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS PARA VALORIZAÇÃO DA LIBRAS COMO L1¹

Giany Paiva Pedrosa ²
Maria Márcia Fernandes de Azevedo ³

RESUMO

Muitos usuários de línguas de sinais utilizam a modalidade escrita da língua oral de sua região, porém no processo de tradução há perda de significado. Para fazer registros da língua de sinais, pode-se recorrer a mídias digitais, no entanto, há outro método pouco difundido, que é a Escrita de Sinais (*SignWriting*). Pensando em quanto a língua é beneficiada com sua modalidade escrita, e constatando que poucos surdos no RN conhecem a Escrita de Sinais, resolveu-se pesquisar um grupo do CAS – Mossoró / RN com o objetivo de entender sua aceitação, uso, percepção da importância e desejo em estudar. A pesquisa deu-se com alguns estudantes da referida instituição, através de um teste de conhecimentos prévios e outro de percepção posterior, intercalados com duas semanas de aula sobre o tema. Após análises dos questionários e aulas, percebeu-se que todos compreenderam a importância de utilizar a modalidade escrita de sua L1, além de terem relacionado-a a uma melhora de comunicação e aprendizado, e demonstraram interesse em continuar com o estudo. Infelizmente não existe uma ocasião formal em que este conteúdo seja transmitido para a comunidade surda. É necessário produzir material de literatura em Escrita de Sinais para que haja fonte de consulta, pois apenas com o contato constante é possível apropriar-se da modalidade escrita, e apenas com essa apropriação é possível manter registros que independam de mídias tecnológicas. Assim, entende-se que é importante ensinar a Escrita de Sinais desde o princípio da escolarização do sujeito surdo, valorizando sua cultura e, conseqüentemente, a Libras.

Palavras-chave: Escrita de Sinais, SignWriting, Libras, alfabetização em L1.

INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita em Língua Portuguesa e nas demais línguas orais, são dois aspectos que parecem estar intimamente ligados, quando se trata da norma culta. Quanto mais afinidade o sujeito apresenta com o mundo das letras, mais terá preocupações em cumprir as normas semânticas e gramaticais da língua falada. Esta é uma regra que se aplica a qualquer idioma oral, seja ele Português, Inglês, Espanhol ou Alemão. No entanto, ficam os questionamentos quanto às línguas sinalizadas.

Sabe-se que muitos usuários de línguas sinalizadas fazem uso exclusivamente da modalidade escrita da língua oral de sua região, o que não só traz uma desvalorização quanto à

¹ Parte de monografia apresentada na Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA, intitulada “Percepção da Escrita de Sinais por Estudantes Surdos Participantes do CAS – Mossoró/RN”.

² Mestre, Graduada do Curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA, giany.pedrosa@gmail.com;

³ Especialista, Graduada pelo Curso de Letras Libras da Universidade Federal do Ceará - UFC, maria.azevedo@ufersa.edu.br.

sua língua natural, como também ocorre uma quebra de sentido em relação ao que, de fato, o sujeito gostaria que fosse transmitido, uma vez que no processo de tradução ou interpretação sempre há alguma perda de significado.

Contudo, sabe-se que não há necessidade de recorrer à escrita da língua oral de um povo para fazer registros de sua língua sinalizada. Hoje em dia é bastante comum fazer uso de mídias digitais para isto, como, por exemplo, gravar vídeos ou registrar uma série de fotografias com a sinalização desejada. No entanto, há, também, uma outra forma de registro de línguas sinalizadas bastante prática e eficaz, porém pouco difundida, que são as escritas esquemáticas das línguas visuais-espaciais, formadas por conjuntos de desenhos ou signos próprios que remetem a sinais específicos, e, dentre elas, destacamos a Escrita de Sinais – ES (*SignWriting*®) criada em 1974 por Valerie Sutton, e que, por suas características particulares, pode ser utilizada em qualquer língua sinalizada que exista.

No Brasil, a Libras tornou-se uma língua reconhecida a partir de 24 de abril de 2002 com a publicação da Lei n.º 10.436, que dispõe sobre suas particularidades e registra, em seu Artigo Primeiro que: “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados” (BRASIL, 2002). A Escrita de Sinais trata-se, justamente, de um destes recursos de expressão associado à Libras, uma vez que tem a capacidade de registrar, em todas as suas particularidades, a forma escrita desta língua. Ainda tratando da mesma Lei, no Artigo Quarto, lê-se:

O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, conforme legislação vigente.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais – Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Com isto, percebe-se que há a preocupação com o ensino e disseminação de Libras, contudo há também a observação de que esta língua não deve ser a única na qual a comunidade surda deve ter proficiência, havendo necessariamente a imersão do surdo na Língua Portuguesa escrita. No entanto, algumas pesquisas apontam que, para se aprender um novo idioma, é sistemático e mais fácil que a pessoa já tenha fluência em sua língua mãe (QUADROS, 2000; CAPOVILLA & RAPHAEL, 2001; DALLAN & MASCIA, 2012), ou seja, para um surdo escrever bem em Língua Portuguesa, saber escrever em sinais é um grande facilitador.

Como aliado no processo de difusão da Libras como L1 e L2 o RN conta, entre outras instituições, com o Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo – CAS, de Mossoró – RN. Trata-se de uma instituição de ensino que atende aos sujeitos surdos,

seus familiares e educadores na Região Oeste Potiguar, sendo um centro de referência educativa que tem como objetivo auxiliar todas as pessoas surdas e/ou deficientes auditivas em seu desenvolvimento educacional e social, promovendo apoio relacionado aos aspectos escolares além de aulas especiais, palestras, oficinas, eventos e auxílios diversos relacionados à Libras, para quem dele necessite.

Desta forma, pretendeu-se investigar um grupo de sujeitos Surdos que frequentam o CAS de Mossoró, afim de verificar sua visão sobre a importância da Escrita de Sinais para o aprendizado efetivo da Libras, bem como sobre sua influência para a aquisição de vocabulário e libertação do empréstimo linguístico de línguas orais existentes.

Acredita-se que é interessante divulgar e ensinar a Escrita de Sinais nas comunidades surdas, de modo que seus usuários possam ter uma maior independência e valoração linguísticas. Usar a Libras na modalidade escrita, é declarar e comprovar que se trata de uma língua própria, com todas as nuances e regras que se tem direito.

Então, pensando nesta valoração da Libras, e também na capacidade de seus usuários poderem registrar com fidelidade o que se quer dizer, iniciou-se esta pesquisa, para que a Escrita de Sinais seja difundida e utilizada cada vez mais.

METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa exploratória, uma vez que busca uma maior familiaridade com a questão do interesse e conhecimento da Escrita de Sinais por parte dos estudantes surdos que frequentam o CAS – Mossoró. Como bem explica Gil (2008): “pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou descoberta de intuições”, que é justamente o que se pretende com este estudo.

Sua abordagem é do tipo pesquisa-ação, em função das ações que se propuseram ser feitas. O objeto de estudo (Escrita de Sinais) refere-se a uma circunstância que pode alterar por completo a visão e a percepção do surdo acerca de sua cultura, identidade e valoração da língua, pois uma vez que se adquire conhecimento, este jamais retornará a seu estado inicial.

A pesquisa-ação pressupõe uma forma de ação planejada, de caráter social e educacional, e a estratégia utilizada foi multimetodológica com a análise da percepção do sujeito surdo quanto à Escrita de Sinais e seus anseios para com esta. Buscou-se entender o que, exatamente, os sujeitos Surdos pensam e sentem quanto à temática, sem a possibilidade de prever o que diriam ao final das explicações.

As ações realizadas neste trabalho, também guiou-se pelo que sugere Gil (2008). Primeiro, houve a fase exploratória, em que ocorreu o contato direto da pesquisadora com os sujeitos da pesquisa. No contato inicial, foi explicado o que seria feito, criando uma expectativa em ambas as partes.

Seguindo todas as etapas de uma pesquisa científica, seguimos com a formulação do problema e a construção de hipóteses, supondo que os alunos iriam gostar e se empenhar com a Escrita de Sinais. Então, foi solicitado aos alunos que participassem da pesquisa. Após a realização das aulas e pesquisas objetiva e discursiva com questões relevantes sobre o tema, os resultados foram tabelados.

O CAS de Mossoró, RN é uma instituição que atende educadores que trabalhem com alunos surdos ou tem interesse por este tema, e também os próprios alunos surdos ou deficientes auditivos de toda Região Oeste do Rio Grande do Norte, além de oferecer apoio linguístico aos seus familiares e à comunidade em geral. Tem como meta a melhoria na qualidade de educação dos estudantes surdos nela matriculados, considerando sempre o fato de que eles tem, como língua materna (L1), a Libras.

Durante o turno matutino, devido ao número reduzido de alunos matriculados, estes subdividem-se em dois grupos: Educação Infantil e Educação Básica. No turno vespertino há um quantitativo maior de alunos, e por conseguinte, a divisão se dá em quatro grupos distintos: Educação Infantil, Grupo 1 (estudantes com conhecimento elementar de Libras e/ou Língua Portuguesa), Grupo 2 (estudantes com conhecimento intermediário de Libras e/ou Língua Portuguesa) e Grupo 3 (estudantes com conhecimento avançado de Libras e/ou Língua Portuguesa). Ou seja, a divisão dos grupos não se dá por faixa etária ou escolaridade, e sim por nível de conhecimento linguístico, o que é avaliado pelos profissionais de educação da referida instituição.

Em um universo de 102 estudantes surdos ou deficientes auditivos que participam regularmente das atividades do CAS, fez-se a pesquisa com 20 alunos que se dispuseram a participar, de livre vontade, após a leitura, explicação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, com os questionários e as aulas sendo ministradas durante a aula regular. Quando os alunos que desejavam fazer parte da pesquisa eram mais jovens que 18 anos, foi solicitado que levassem o TCLE para seus responsáveis lerem e assinarem. Houve o cuidado na organização da pesquisa para que o participante que respondesse ao primeiro questionário também respondesse ao segundo.

Foram formados dois grupos de pesquisa: um pela manhã e outro à tarde, no entanto, após a coleta dos dados, todos foram reagrupados em uma mesma pesquisa. Os dois grupos de

alunos investigados são bastante heterogêneos no que diz respeito à faixa etária e ao grau de escolarização, tanto quando comparamos os indivíduos dentro do próprio grupo, quanto quando comparamos um grupo com o outro. Portanto, o parâmetro usado para, posteriormente, reagrupá-los em uma mesma pesquisa foi a condição de serem surdos. A partir destes dados, foi verificado o interesse dos mesmos pela Escrita de Sinais, e analisados quanto a idade e escolarização, para perceber se estes fatores influenciavam na sensibilização quanto a valorização da Libras através da Escrita de Sinais.

Com o uso da Língua Portuguesa como modalidade escrita para os surdos do Brasil, percebe-se que eles, muitas vezes, não apresentam fluência nesta língua, fazendo-o de forma automatizada e sem o uso de palavras gramaticais típicas e necessárias para manter a coesão e coerência textuais, como artigos, preposições e conectivos que caracterizam a modalidade escrita da Língua Portuguesa.

Apesar de haver o respeito quanto às variedades linguísticas que existem em nosso país, não é em virtude deste aspecto que os surdos costumam escrever fugindo das regras gramaticais da norma culta. As mensagens de aplicativos de redes sociais são beneficiadas pelo uso de emojis e gifs, mas mesmo assim muitas pessoas surdas permanecem sem conseguir transmitir um sentido lógico para quem não é conhecedor da Língua de Sinais, havendo problemas de interpretação, até mesmo, entre os usuários da língua sinalizada. O que muitos se referem como: “escrever em Libras”, ao ver textos produzidos por surdos, na realidade não passa de “escrita sinalizada”, uma vez que são palavras de conteúdo, sem necessariamente obedecer as regras de colocação substantiva e verbal dentro da oração. E a ausência do uso de certos conectivos ou outras palavras na Língua Portuguesa escrita, torna a mensagem sem sentido ou, até mesmo, indecifrável.

Por esta razão, resolveu-se estimular o uso de Escrita de Sinais por meio de surdos e outros usuários ouvintes de Libras, como forma de valorização da cultura surda por meio do registro correto do que se intenciona falar ou explicar. Ao se utilizar uma escrita própria de línguas sinalizadas, respeitam-se as particularidades espaciais da língua, garantindo veracidade aos sinais e expressões intencionados.

Durante as aulas regulares dos estudantes surdos do CAS de Mossoró, tanto no turno matutino quanto no turno vespertino, realizou-se, por um período de duas semanas, as pesquisas referentes ao tema deste trabalho.

Foi elaborado e aplicado um questionário inicial com os alunos participantes da pesquisa, para sondar seus conhecimentos prévios e anseios sobre a modalidade escrita da língua de sinais, bem como sobre o interesse em aprender a escrever em sinais. Tal questionário

apresentava 10 questões, sendo as três primeiras intencionando traçar o perfil dos participantes (sexo, idade e escolaridade) e sete perguntas de caráter objetivo para entender o nível de conhecimento dos participantes sobre a Escrita de Sinais. Considerando que o questionário foi elaborado em Língua Portuguesa escrita e que haviam estudantes de diversos níveis linguísticos, cada pergunta foi lida, sinalizada e explicada individualmente para toda a turma, de modo a evitar respostas errôneas em função da não compreensão do que estava sendo solicitado. O questionário foi elaborado em Língua Portuguesa, partindo do pressuposto que os participantes não teriam conhecimento aprofundado o suficiente para responderem em Escrita de Sinais.

Após a análise dos questionários prévios, aconteceram aulas teóricas expositivas acerca da Escrita de Sinais e de sua importância para o registro histórico da Libras. Como o CAS trata-se de um centro de apoio, e não uma escola regular, os alunos não estão presentes diariamente, e sim com frequência média de dois dias por semana, em dias alternados. Desta forma, cada aula foi repetida durante dois dias a cada semana (segunda e terça, quarta e quinta), para garantir que todos os estudantes tivessem o contato inicial com o sistema de Escrita de Sinais de maneira homogênea. Nas aulas, foi abordado o surgimento da Escrita de Sinais, os princípios básicos dos parâmetros da Libras, e a formulação de sinais simples, momento em que os alunos tiveram a oportunidade de aprender a escrever seus sinais pessoais, dentre outros como sinais de saudações, cumprimentos e locais da escola.

Após a realização das aulas, foi aplicado um novo questionário com os mesmos participantes que responderam o anterior, no intuito de saber se eles haviam assimilado a importância da Escrita de Sinais para a Libras, bem como para perceber se houve eficácia e receptividade da Escrita de Sinais pelos estudantes surdos. Mais uma vez o questionário estava escrito em Língua Portuguesa, já que o intuito não era comprovar se seriam capazes de ler em Escrita de Sinais num primeiro momento. Novamente, o questionário foi lido em sala de aula com a devida sinalização e explicação de cada questão para não haver risco dos participantes responderem alguma pergunta erroneamente por falta de compreensão do que estava escrito.

O segundo questionário também era composto por 10 perguntas, onde as três primeiras relacionavam-se ao perfil dos participantes (sexo, idade e escolaridade), da mesma forma que ocorreu no questionário prévio. A repetição destas perguntas teve o propósito de confirmar se os participantes realmente eram os mesmos, em ambos questionários. As sete perguntas seguintes relacionavam-se quanto a percepção deles da Escrita de Sinais. As seis primeiras perguntas temáticas possuíam caráter objetivo, intencionando uma tabulação dos dados, bem como facilitar as respostas dos participantes. A última pergunta, no entanto, tinha caráter

discursivo, e nela os estudantes deveriam expor suas opiniões sobre a importância de aprender Escrita de Sinais, sem julgamento de valores.

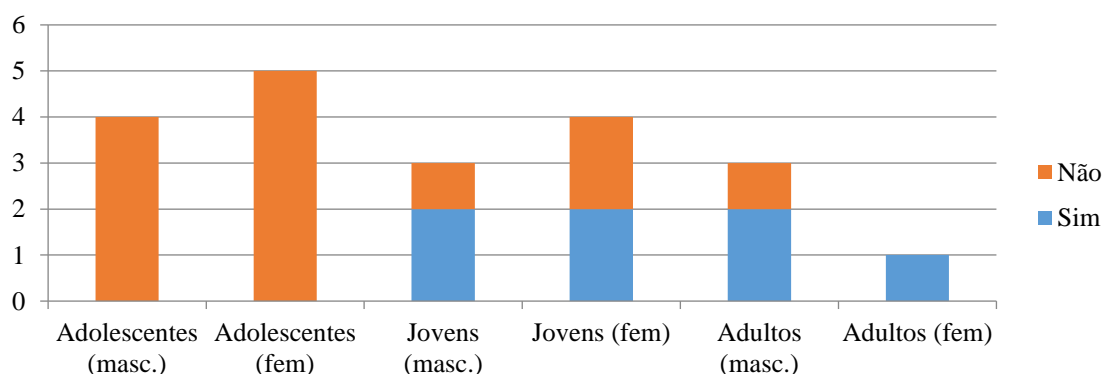
Afim de padronizar o resultado da pesquisa, as respostas aos questionários realizados tanto no turno matutino quanto no turno vespertino foram tabeladas em conjunto, dividindo os alunos apenas pelo fato de terem conhecimentos prévios quanto ao tema da pesquisa (Escrita de Sinais) ou não terem conhecimentos prévios.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

QUESTIONÁRIO PRÉVIO

Em resposta à primeira pergunta do questionário realizado antes das explicações (Gráfico 1), apenas 35% dos participantes sabiam da existência de uma escrita própria para as Línguas de Sinais, e todos estes estavam na faixa etária entre jovens e adultos, apesar de quase metade da amostragem (45%) ser composta por adolescentes, independente do sexo ou escolaridade. Isto nos mostra que um dos fatores que podem estar levando ao não-uso da Escrita de Sinais pode ser, simplesmente, a falta de conhecimento sobre sua existência, o que pode ser sanado ainda na adolescência, ou até mesmo antes, concomitante ao seu processo de alfabetização. Contudo, a independência deste conhecimento em relação a escolaridade, afirma que não é na escola regular que os surdos têm contato com as particularidades de sua L1. Tal conhecimento é passado entre surdos pertencentes à uma mesma comunidade, sendo, portanto, muito importante que frequentem Associações, eventos e atividades próprios onde haja uma maior interação entre pessoas surdas, além da necessidade de haver uma alfabetização própria em sinais no CAS, onde já existe o apoio pedagógico.

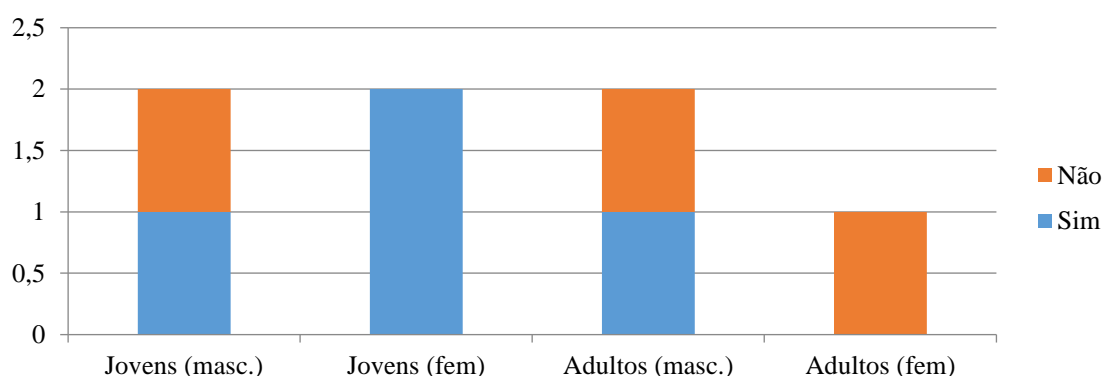
Gráfico 1 - Você conhece a Escrita de Sinais?



A pergunta seguinte foi sobre o conhecimento quanto a fazer uso da Escrita de Sinais (Gráfico 2). Em relação aos alunos que afirmaram não conhecer a Escrita de Sinais na pergunta

anterior, nenhum disse saber utilizá-la, contudo estas respostas não foram consideradas para a análise estatística, uma vez que este resultado já era esperado, além da análise estar associada à pergunta anterior. Desta forma, as respostas foram reduzidas a 7 participantes, em contraste aos 20 iniciais. Dentre os que conhecem a existência da Escrita de Sinais, 57,1% sabem usá-la, ao passo que 42,9% não o sabem, o que não teve relação alguma quanto ao sexo ou escolaridade dos envolvidos na pesquisa. Isto mostra que ter conhecimento sobre algo é diferente de saber praticá-lo. O alto índice de pessoas que afirmam conhecer a existência da Escrita de Sinais mas no entanto não sabem utilizá-la, demonstra que é necessário um ensino sistematizado e uma prática regular e constante para que possam apropriar-se desta modalidade da língua. Quando não há um meio de trocar experiências em relação a um tema, este acaba por perder-se, pois o conhecimento solitário não tem serventia. Contudo, se conseguirmos fazer com que eles interajam e vejam registros em Escritas de Sinais, isto irá despertá-los para que possam fazer uso de sua escrita própria.

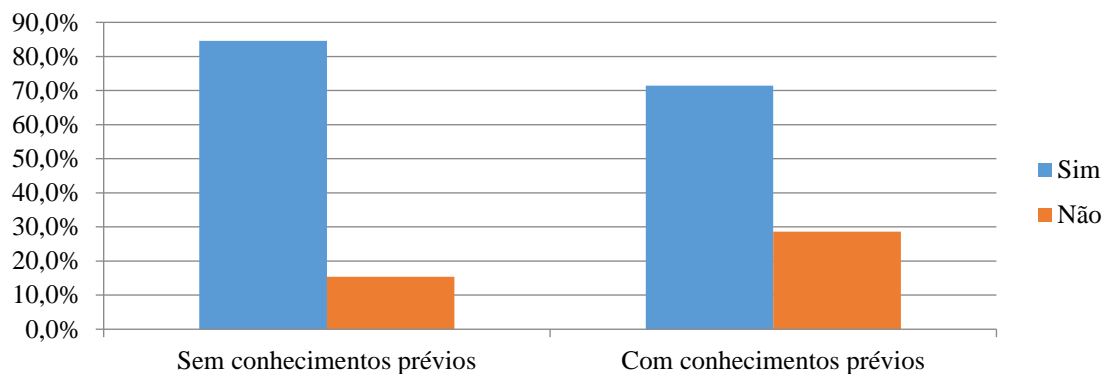
Gráfico 2 - Você sabe escrever usando Escrita de Sinais?



A partir desta próxima pergunta, em função de não haver diferença relacionada à faixa etária e, desta forma, não haver a necessidade de separá-los em jovens e adultos, resolveu-se dividir os dados tabelados em dois grupos: o dos sujeitos que não tinham conhecimentos prévios sobre a Escrita de Sinais – ES, e os que tinham conhecimentos prévios sobre a ES. Perguntou-se, ainda, se eles sentiam dificuldades em utilizar a modalidade escrita da Língua Portuguesa (Gráfico 3). Dentre o grupo de participantes que não tinha conhecimentos prévios sobre a Escrita de Sinais, 84,6% afirmaram ter dificuldades com a escrita em Língua Portuguesa, enquanto 71,4% dos que tinham conhecimentos prévios sobre a Escrita de Sinais tem esta mesma dificuldade. Ambas as taxas percentuais são bastante altas, o que comprova que escrever em uma língua diferente de sua L1 pode ser uma tarefa bastante árdua, ainda mais quando se tratam de línguas onde o meio de transmissão também é distinto, sendo uma oral e outra visual-espacial. Contudo, destacamos que a dificuldade passa a ser maior quando os indivíduos não

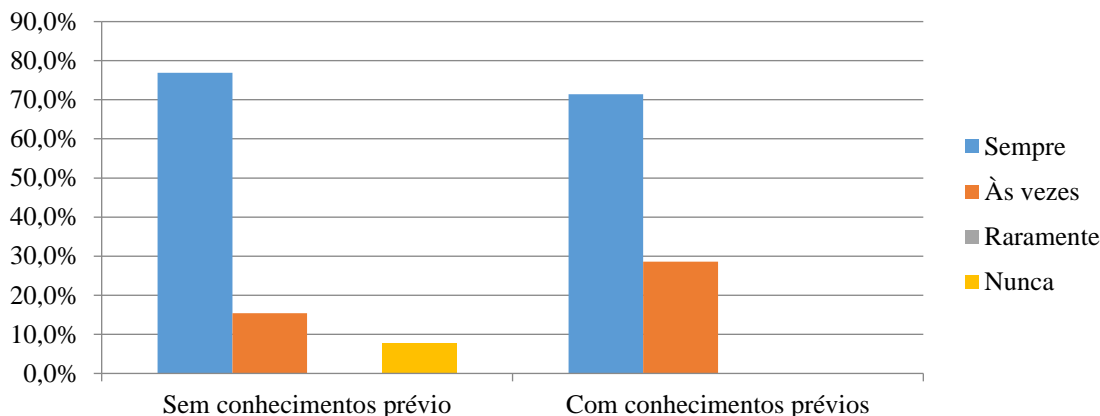
são letrados em sua L1, o que pode gerar um aumento de confusão de pensamentos na hora de decodificar os signos linguísticos, dentre outras coisas.

Gráfico 3 - Você acha difícil escrever em Português?



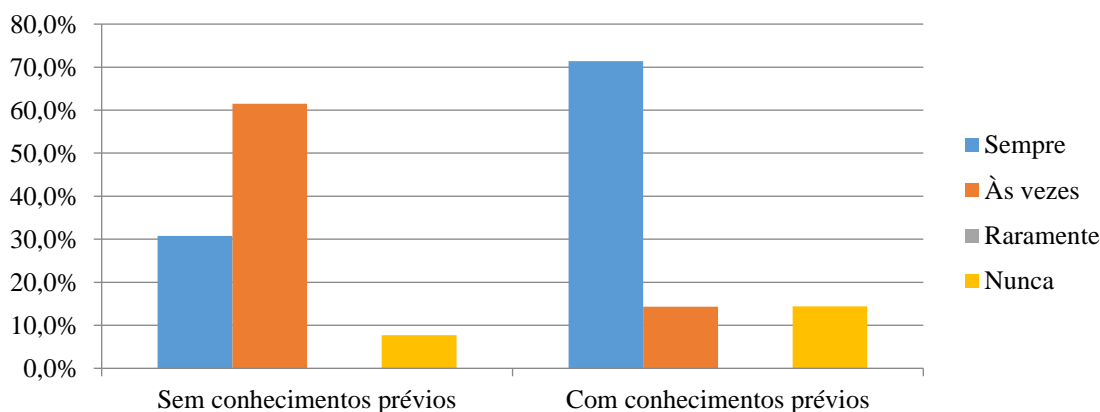
Em relação à compreensão da escrita em Língua Portuguesa, foram feitas duas perguntas similares, mas com sentidos opostos. Uma destas foi quanto a compreensão de outras pessoas surdas escrevendo em Português para que o participante leia (Gráfico 4). Neste caso, haviam quatro opções de respostas: sempre, às vezes, raramente e nunca. Quanto aos participantes que não possuíam conhecimentos prévios da Escrita de Sinais, 76,9% disseram sempre compreender a escrita de outros surdos; 15,4% disseram compreender às vezes, e 7,7% disseram nunca compreender. Dentre os participantes que possuíam conhecimentos prévios da Escrita de Sinais, 71,4% disseram que sempre compreendiam e 28,6% disseram que a compreensão ocorre às vezes, não havendo outro tipo de resposta. Os números são bastante semelhantes, não havendo diferença significativa entre os que conheciam ou não a Escrita de Sinais. Isto mostra a independência das duas línguas, e também levanta a problemática de que não se sabe se quem está a escrever é alguém com um nível de escolaridade mais alto ou mais baixo, o que interfere diretamente na escrita. Em todo caso, os dados sugerem que, apesar das dificuldades, os surdos se esforçam e conseguem transmitir suas mensagens em uma língua escrita diferente da sua natural (L2). É importante ressaltar que estamos falando em termos de surdos escrevendo em português para outros surdos, e neste caso, são duas pessoas imersas em uma mesma cultura, que sabem compreender a falta de conectivos e palavras gramaticais na Língua Portuguesa, e assim se entendem melhor. É possível que estes dados fossem diferentes, caso houvéssimos perguntado em relação à leitura de textos construídos por pessoas ouvintes alheias à comunidade surda.

Gráfico 4 - Quando um amigo surdo escreve em Português, você entende tudo?



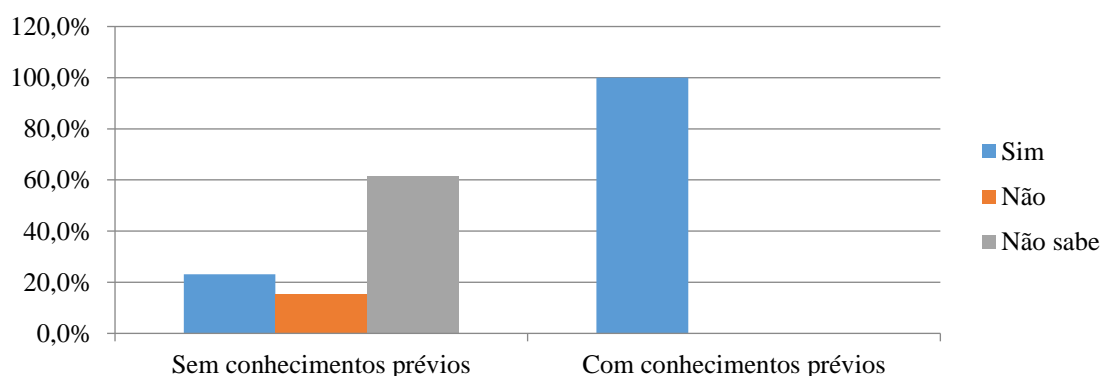
A pergunta seguinte foi em relação a outras pessoas, ouvintes, compreenderem o que o participante, surdo, escreve em Língua Portuguesa, havendo as mesmas quatro opções de resposta: sempre, às vezes, raramente e nunca (Gráfico 5). Em relação aos participantes que não possuíam conhecimentos prévios da Escrita de Sinais, 30,8% disseram ser compreendidos sempre; 61,5% disseram ser compreendidos às vezes e 7,7% disseram não ser compreendidos nunca. Quanto aos participantes que possuíam conhecimentos prévios quanto à Escrita de Sinais, 71,4% disseram ser compreendidos sempre; 14,3% disseram ser compreendidos às vezes e 14,3% disseram nunca ser compreendidos. Todos aqueles que, além de conhecer, dominam o uso da Escrita de Sinais, afirmaram ser compreendidos sempre. Apesar da semelhança desta pergunta com a anterior, os resultados foram bastante discrepantes. Percebe-se, neste caso, que aqueles que conhecem e dominam a Escrita de Sinais, ou seja, a forma escrita de sua própria língua, também conseguem fazer melhores conexões em uma L2, e assim se fazem entender melhor, quando comparados às pessoas que não dominam a Escrita de Sinais.

Gráfico 5 - Quando você escreve em Português, outras pessoas ouvintes te entendem?



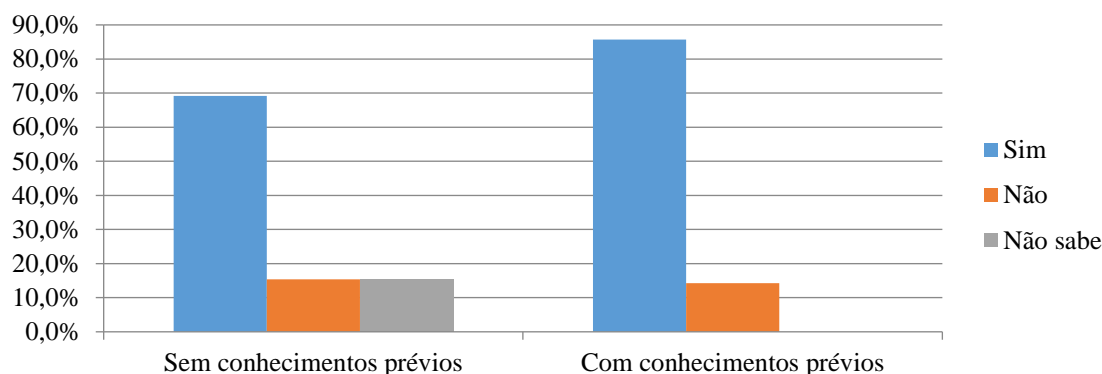
Uma outra pergunta foi em relação à opinião pessoal quanto a importância da Escrita de Sinais (Gráfico 6). Havia três opções de resposta: sim, não e não sabe. As respostas dos participantes que não tinham conhecimentos prévios sobre a Escrita de Sinais foi um pouco surpreendente, pois apesar da falta de conhecimento evidente em torno do assunto, ainda houve 23,1% de respostas dizendo ser algo importante e 15,4% de respostas dizendo não ser algo importante. Provavelmente fizeram inferências em relação ao que estava escrito e foi sinalizado na explicação da pergunta. Os demais participantes que não conheciam a Escrita de Sinais, 61,5%, disseram não saber responder esta pergunta. Com relação aos participantes que tinham conhecimentos prévios sobre a Escrita de Sinais, 100% destes afirmaram ser algo importante. Este resultado mostra que o conhecimento é algo, realmente, grandioso e que, apesar de que nem todos usam a Escrita de Sinais, eles têm consciência sobre sua importância para a comunicação e valoração da língua.

Gráfico 6 - Acha que a Escrita de Sinais é importante?



A última pergunta presente no primeiro questionário da pesquisa indagava sobre o desejo em aprender a Escrita de Sinais, com três possibilidades de resposta: sim, não e não sabe (Gráfico 7). Com os estudantes que não possuíam conhecimentos prévios sobre a Escrita de Sinais, obtivemos 69,2% de respostas afirmativas; 15,4% de respostas negativas e 15,4% de respostas onde não há uma opinião formada sobre o assunto. Quanto aos estudantes que já tinham o conhecimento prévio acerca da Escrita de Sinais, 85,7% de respostas foram afirmativas ao passo que 14,3% de respostas foram negativas. Este último número representa um único indivíduo que além do conhecimento sobre Escrita de Sinais, também faz uso da mesma, então podemos inferir que essa falta de desejo em continuar os estudos deve-se ao fato de que ele já domina a escrita e, assim, assume que não há mais o que aprender.

Gráfico 7 - Gostaria de aprender Escrita de Sinais?



AULAS DE ESCRITA DE SINAIS

Foram estudadas as respostas de 20 estudantes, todos com identidade surda bem definida, porém com níveis de perda auditiva distintos, que frequentam o CAS nos turnos matutino ou vespertino, cujas características para traçar o perfil, podem ser vistas na tabela a seguir (Tabela 1). Estes dados foram obtidos a partir das três primeiras perguntas do questionário prévio, e conferidos com as três primeiras perguntas do questionário posterior às aulas. Para tanto, consideramos as seguintes faixas etárias: adolescentes (12-17 anos), jovens (18-24 anos) e adultos (a partir de 25 anos). A pesquisa não foi realizada com os alunos da Educação Infantil de nenhum dos turnos, uma vez que para as crianças surdas, seria necessária uma nova metodologia e um novo enfoque. Deixo, aqui, a proposta para este estudo com crianças em fase de alfabetização, de modo que se possa perceber a importância da escrita de sinais no desenvolvimento cognitivo das mesmas.

Tabela 1 – Caracterização quanto ao sexo, faixa etária e escolaridade dos alunos do CAS Mossoró, participantes na pesquisa.

Escolaridade	Sexo Masculino			Sexo Feminino		
	Adolescente	Jovem	Adulto	Adolescente	Jovem	Adulto
Ensino Fundamental Incompleto	3	0	1	4	0	1
Ensino Fundamental Completo	0	0	0	0	0	0
Ensino Médio Incompleto	1	3	1	1	2	0
Ensino Médio Completo	0	0	1	0	1	0
Ensino Superior Incompleto	0	0	0	0	1	0
Ensino Superior Completo	0	0	0	0	0	0

Foram realizadas as duas semanas de aula propostas, contudo, devido à dinâmica de frequência dos alunos ao CAS, a mesma aula precisou ser repetida duas vezes por semana. Assim, a aula que acontecia às segundas-feiras, também acontecia às terças-feiras; e a aula que era ministrada às quartas-feiras, repetia-se às quintas-feiras. A sexta-feira é um dia de planejamento coletivo dos profissionais da educação do CAS Mossoró, portanto não há a presença de alunos neste dia.

A primeira aula, ministrada nos dias 18 e 19 de fevereiro do ano 2019, teve como temática os cinco parâmetros da Libras e como estes diferem extremamente dos fonemas referentes de línguas oralizadas, que se utilizam de letras do alfabeto. Foi uma aula bastante teórica e envolta em muita discussão dos alunos, onde estes puderam refletir acerca de sua própria língua e de como ela não consegue ser, efetivamente, registrada através do Português escrito ou de glosas. Os alunos de ambos os dias e nos diferentes turnos demonstraram muito interesse com este debate, e a reflexão das particularidades da língua os levou a ter mais orgulho de serem falantes de Libras como L1, levando a uma maior valorização da língua. Independente dos alunos terem conhecimentos prévios ou não sobre o tema, todos se empolgaram e acharam interessante a percepção gramatical da Libras, pois nunca haviam parado para refletir sobre a mesma.

A segunda aula foi ministrada nos dias 20 e 21 de fevereiro de 2019, e foi dedicada ao aprendizado da escrita das diferentes configurações de mãos e direcionalidade em Libras. Os estudantes repetiam os sinais ensinados em uma tabela elaborada e entregue a cada um, e em um ato reflexivo, juntos, pensavam em sinais que pudessem ser escritos com cada configuração de mãos apresentada. Estes sinais pensados em conjunto eram escritos na lousa, e todos os estudantes tiveram a oportunidade de tentar escrever, ao menos, um sinal diferente. Este momento foi um pouco lento, uma vez que ainda estavam aprendendo a escrever os sinais, sendo comparável à fase de garatuja na alfabetização da Língua Portuguesa, contudo os estudantes demonstraram-se atentos aos detalhes e opinavam sempre na escrita que cada sinal deveria ter. Eles perceberam, naturalmente, que a Escrita de Sinais tem uma perspectiva expressiva, e isso facilitou bastante a aprendizagem.

A terceira aula ocorreu nos dias 25 e 26 de fevereiro de 2019, e nela foram explicados os pontos de articulação e os diferentes contatos da Libras em Escrita de Sinais. Desta feita, os estudantes passaram a escrever, também, as partes do corpo, como cabeça, ombros, quadris e braços. Os sinais de contato (toque, bater, escovar, alisar e suas variações) causaram um pouco de confusão durante o turno matutino, mas usando da estratégia comparativa entre sinais de diferentes intensidades, eles compreenderam as diferenças básicas e, em seguida, cada um teve

a possibilidade de escrever seu próprio sinal pessoal. Com a chance de verem suas mãos materializadas no papel, os alunos de ambos os turnos e dos dois dias ficaram bastante eufóricos e seguiram repetindo seus sinais pessoais, além dos sinais pessoais de seus familiares, amigos e namorados.

A última aula ocorreu nos dias 27 e 28 de fevereiro do ano 2019. Nesta, resolvemos fazer cartazes de cartolina para colocar nas diferentes dependências do CAS, com a indicação de cada uma, por exemplo: sala de aula, banheiro, cozinha... Assim, os alunos elaboraram pequenos cartazes para serem espalhados pela escola. A animação de produzirem algo em sua língua própria escrita para que pudesse indicar para outras pessoas, surdas ou ouvintes, o que cada ambiente representa, foi geral e os fez sentirem-se orgulhosos de si próprios.

Ao final desta aula, foi explicado que a pesquisa havia acabado, e os alunos demonstraram decepção, dizendo que gostariam de continuar a estudar a Escrita de Sinais, o que tornou-se um compromisso da pesquisadora em seguir fazendo. Após esta conversa, foi aplicado o questionário posterior, cujas análises estão a seguir.

QUESTIONÁRIO POSTERIOR

O questionário realizado após as aulas explicativas sobre o tema Escrita de Sinais, apresentava dez questões, sendo as três iniciais para reafirmar a caracterização dos participantes e as sete perguntas seguintes abrangentes sobre o que foi aprendido, sendo seis objetivas e uma pergunta dissertativa. Independente dos alunos terem ou não conhecimentos prévios sobre o tema, as respostas foram bastante parecidas e, portanto, os participantes não foram mais divididos de acordo com este quesito. Ressaltaremos, apenas, as respostas em que houve alguma discrepância.

A primeira pergunta de múltipla escolha, a nível do tema, foi (1) sobre a percepção dos participantes sobre a importância da Escrita de Sinais. Todos os alunos (100%), sem exceção, afirmaram que esta modalidade da língua é importante. Esta mesma pergunta havia sido feita no questionário prévio, onde obtivemos um percentual bem diferente do obtido após o conhecimento da modalidade escrita. Da mesma forma, na segunda pergunta foi unânime (100%) a resposta afirmativa ao serem indagados (2) se haviam gostado de estudar Escrita de Sinais. Concluimos, com as respostas a estas duas perguntas, que os alunos identificaram-se com sua língua escrita e conseguiram desfrutar das aulas, internalizando o conhecimento.

Nas perguntas seguintes, sobre (3) o desejo de aprender mais sobre Escrita de Sinais, (4) se usariam a Escrita de Sinais a partir deste momento, e (5) sobre acreditarem que a Escrita de Sinais pode auxiliar a aprender Libras, também obtivemos um percentual de 100% de

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

respostas afirmativas em todos os quesitos. Todos estes resultados mostram que uma vez imersos no tema, eles conseguem ver o tanto que a Escrita de Sinais pode beneficiar o dia-a-dia dos usuários de línguas sinalizadas.

A última pergunta objetiva sobre o tema, foi (6) em relação à Escrita de Sinais ajudar a memorizar sinais novos, recém aprendidos. A esta questão também foram obtidas 100% de respostas afirmativas, no entanto um dos participantes, que possuía conhecimento prévio sobre a Escrita de Sinais, disse, no momento da explicação em Libras da pergunta que estava escrita em Português, que ajudava, mas nem tanto. Ele acredita que a Escrita de Sinais só beneficia na memorização caso o usuário esteja bem conectado com as duas modalidades: sinalizada e escrita. Ele está correto nesse pensamento, uma vez que a esquematização solta de algum sinal não fará sentido caso não haja imersão na cultura surda. Uma língua não se trata apenas de signos e significantes, mas também todo o contexto social e cultural que permeia a comunidade que a utiliza. Se não tivermos propriedade para realizar um sinal corretamente, não poderemos escrevê-lo, da mesma forma que se não escrevermos corretamente, não será possível reproduzi-lo sinalizando.

Todas as respostas às perguntas objetivas do questionário posterior às aulas explicativas, podem ser vistas na tabela a seguir (Tabela 2).

Tabela 2 – Respostas do questionário posterior à explicação dos participantes na pesquisa.

Escolaridade	Sem conhecimento prévio		Com conhecimento prévio	
	Sim	Não	Sim	Não
1. Você acha a Escrita de Sinais importante?	100%	0%	100%	0%
2. Você gostou de estudar Escrita de Sinais?	100%	0%	100%	0%
3. Você quer aprender mais Escrita de Sinais?	100%	0%	100%	0%
4. Você vai usar Escrita de Sinais a partir de agora?	100%	0%	100%	0%
5. Você acha que a Escrita de Sinais ajuda a aprender Libras?	100%	0%	100%	0%
6. Escrever um sinal novo em Escrita de Sinais ajuda a memorizá-lo?	100%	0%	100%	0%

A última pergunta, de caráter discursivo, era uma indagação sobre a opinião dos participantes quanto à necessidade de estudar Escrita de Sinais. Diante das respostas às questões objetivas, percebe-se que houve um encantamento dos participantes pela modalidade escrita da língua sinalizada, e portanto as respostas a esta última pergunta não poderiam ser diferentes das que foram obtidas, no entanto, faremos aqui a transcrição de algumas destas respostas, afim de discutí-las:

1. *“Sim pq eu gostei mão desenha libras importante aprender”* (sexo masculino, 14 anos, sem conhecimentos prévios).

O aluno disse ter gostado de ver que suas mãos eram capazes de escrever seus sinais, e que isso torna o aprendizado da Escrita de Sinais importante. Esta foi uma das reações percebidas por parte dos alunos. Eles gostavam do fato da Escrita de Sinais ser icônica, e assim poderem compreender o que está escrito pois há relação direta e formação de sentido nas frases.

2. *“Pq é bom ter o mais conhecimento sobre a escrita de sinais a usar sinalizando Libras, pq se a pessoa só estiver com o desenho escrita... como é que eles vão entender e como vai saber sem entender escrita de sinais para sinalizar com os surdos? Então ainda existe muitas pessoas fora que desenha escrita de sinais nos esforçando muito para ajudar os surdos a entender na escrita sinalizando com as mãos. E para perceber também o desenho na escrita o que mostram como é que faz pra sinalizar”* (sexo feminino, 22 anos, sem conhecimentos prévios).

A aluna dissertou sobre a importância de conhecer a Escrita de Sinais porque ela reproduz fielmente o que a Libras quer dizer. Também falou sobre a importância de pessoas ouvintes fazerem uso da Escrita de Sinais, esforçando-se para se comunicarem com os surdos, e também no processo de aprendizagem da Libras. Ela demonstra um desejo em melhorar a comunicação com os ouvintes.

3. *“Pq escrita de sinais ela é muito interessante me sentir aquela coisa vontade de aprender muito e também me sentir muito curioso”* (sexo masculino, 21 anos, sem conhecimentos prévios).

O aluno diz que a Escrita de Sinais é muito interessante e demonstra vontade e curiosidade em aprender mais. Essa atitude foi a mesma em todos os alunos, independente de terem ou não o conhecimento prévio, o que mostra que houve uma identificação pessoal com o sistema de escrita.

4. *“Gostei aprende e escrita primeira e vezes muito estuda aprende que bom”* (sexo masculino, 17 anos, com conhecimentos prévios).

O aluno diz que gostou quando começou a aprender a Escrita de Sinais pela primeira vez, e que isso o ajudou a estudar. A possibilidade de ter sua L1 registrada, abre caminhos para o conhecimento, e assim há mais maneiras deles estudarem e compreenderem o mundo.

5. “*É muito importante estudado a escrita de sinais é muito importante aprender a língua de sinais*” (sexo feminino, 23 anos, com conhecimentos prévios)

A aluna relacionou o estudo da Escrita de Sinais com o aprendizado da própria língua de sinais. Isso indica que há o reconhecimento da importância de aprender a língua e sua modalidade escrita concomitantemente, pois há um registro ao qual recorrer para que não haja esquecimento do sinal.

6. “*Gosto bom sim. Importante comunicar surdo também literatura, piada, história*” (sexo masculino, 25 anos, com conhecimentos prévios)

O aluno disse que gostava de Escrita de Sinais e que a mesma era importante para a comunicação com os surdos, assim como para o registro de literatura, exemplificando a piada e narrativas. Este depoimento mostra outro ponto importante da Escrita de Sinais: o registro de memórias, histórias e cultura. Ter o registro de sua língua, evita que a mesma torne-se extinta.

A partir dos excertos retirados dos questionários posteriores às explicações sobre Escrita de Sinais, percebe-se que todos compreenderam a importância de utilizar a modalidade escrita de sua L1 para haver uma boa comunicação entre os surdos e outros usuários da língua sinalizada, e também para o aprendizado de sua cultura. Ressalta-se o fato de que todos relacionaram a Escrita de Sinais a uma melhora de comunicação e aprendizado, e ainda houve a menção quanto ao registro histórico de materiais para consulta posterior, valorizando a Língua de Sinais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notável a diferença no comportamento e interesse dos alunos durante a realização das aulas. Aqueles que já tinham noções sobre Escrita de Sinais, permaneceram atentos às aulas e faziam questão de servir como auxiliares, mostrando o que já sabiam e como poderiam contribuir nos debates para que os demais participantes também aprendessem. Os que não tinham conhecimento prévio sobre a Escrita de Sinais, passaram de um estágio onde acreditavam que seria apenas mais um “conteúdo chato” a ser aprendido para um momento de grande interesse em que eles puderam sentir a propriedade e riqueza de sua língua mãe. O momento de aulas expositivas e e ocasiões em que eles tiveram a chance de praticar os sinais aprendidos foram poucos, mas foram suficientes para plantar nos participantes a semente da

curiosidade e do desejo em aprender cada vez mais, valorizando sua língua e mostrando sua complexidade e beleza.

Infelizmente, talvez devido a ausência de escolas bilingues, não existe uma ocasião formal, estruturada, em que este conteúdo possa ser transmitido para a comunidade surda. Apesar da obrigatoriedade, perante a Legislação Brasileira, de todos os cursos superiores que formam professores terem a disciplina de Libras em sua grade curricular, o mau planejamento desta disciplina deixa bastante a desejar quanto aos profissionais da educação formados, e com isso, nossos estudantes surdos privam-se do direito de escrever em sua L1.

É urgente e necessário começar a produzir materiais de literatura em seus diversos tipos textuais (fábulas, piadas, contos, crônicas, etc.) em Escrita de Sinais, para que assim haja material de consulta e, desta forma, uma fonte de contato e pesquisa para surdos, familiares, usuários da Libras e educadores. Apenas com o contato constante com a modalidade escrita, é possível apropriar-se dela, e apenas com essa apropriação é possível manter registros que independam de mídias tecnológicas para futuras consultas e pesquisas. As pessoas vão à escola basicamente para aprenderem a ler, mas o fato é que, mesmo após terminarem o Ensino Básico, conforme aponta Stumpf (2001; 2005), muitos surdos continuam sem conseguir este objetivo. Assim, entende-se que é algo útil e necessário ensinar a Escrita de Sinais desde o princípio da escolarização do sujeito surdo. *“Quando as crianças conseguem aprender uma escrita que é representação de sua língua natural amadurecem e melhoram o seu desenvolvimento cognitivo”* (STUMPF, 2001, p. 380).

Afim de valorizar a cultura surda e, conseqüentemente, a Libras, considera-se importante lutar pela disseminação do conhecimento deste modo de registro da língua, tão belo, tão complexo, e ambigüamente tão simples. O fato de ter uma modalidade escrita, eleva o *status* da língua e prova aos leigos que não são “gestos”, “mímicas” ou “pantomimas” que são realizados ao conversar em Libras, mas sim o uso de uma estrutura gramatical com todos os pormenores de qualquer outra língua oral, que deve ser estudada, respeitada, aprendida e utilizada.

Diante de tantas lutas e provações que a comunidade surda já passou ao longo de anos de história, cremos que é necessário levantarmos esta bandeira para podermos ter uma língua sistematizada, escrita em livros próprios, sem a necessidade de tradução e com seu espaço em bibliotecas e escolas.

É tempo de reconhecer a língua de sinais, a escrita da língua de sinais, a riqueza cultural que a comunidade surda traz com suas experiências sociais, culturais e científicas. Se não somos competentes na língua usada pela comunidade surda e desconhecemos a riqueza cultural que pode ser produzida

de forma Surda, precisamos buscar esse conhecimento ou optar por outra carreira profissional. A educação de surdos não pode mais continuar refém da falta de conhecimento dos profissionais que estão envolvidos na educação de surdos. Temos muito a fazer no processo de alfabetização e no ensino da língua de sinais para garantir a aquisição da leitura e escrita das crianças surdas. (QUADROS, 2000, p. 60-61)

Com o fim desta pesquisa, fortaleço ainda mais o desejo em estudar para ensinar a Escrita de Sinais, pois o maior incentivo do professor, são os resultados mostrados pelos alunos. Sigamos em frente, disseminando a modalidade escrita da Libras com a esperança de que possamos ajudar mais pessoas a conhecer esta língua tão bela e tão importante para a comunidade surda!

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 17 mar. 2018.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira. v.1/2. [S.l: s.n.], 2001.

DALLAN, Maria Salomé Soares; MASCIA, Márcia Aparecida Amador. **A escrita em sinais:** uma escrita própria para a LIBRAS. In: LINS, H. A. de M. (org.). Experiências docentes ligadas à educação de surdos: Aspectos de formação. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo. Atlas, 2008.

QUADROS, Ronice Müller de. Alfabetização e o Ensino de Língua de Sinais. **Textura**, Canoas, n. 3, p. 53-61, jun. 2000.

STUMPF, Marianne Rossi. Aquisição da escrita de língua de sinais. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 373-381, set. 2001.

STUMPF, Marianne Rossi. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting:** Línguas de Sinais no papel e no computador. Porto Alegre: Ufrgs, 2005.